

Documentando a superação: *Demi Lovato: Stay Strong* e o discurso terapêutico contemporâneo¹

Documenting the overcome: *Demi Lovato: Stay Strong* and the contemporary therapeutic discourse

Igor Sacramento

Fundação Oswaldo Cruz. Av. Brasil, 4365, Manguinhos, 21040-900, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Pedro Calmon, 550, Cidade Universitária, 21941-901, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. igorsacramento@gmail.com

Douglas Ramos

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Avenida Pedro Calmon, 550, Cidade Universitária, 21941-901, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. douglas.n.ramos@hotmail.com

Resumo. Neste artigo, demonstramos como o discurso terapêutico contemporâneo molda diferentes posições de sujeito para Demi Lovato no documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, produzido pela MTV, em um contexto marcado pela enorme presença na cultura da mídia de narrativas biográficas sobre distúrbios e infortúnios de celebridades. Analisamos como o sofrimento na contemporaneidade amalgama autenticidade, intimidade e identificação nas relações entre a celebridade e seus fãs por meio da configuração de um ethos motivacional. Concluímos que, na contemporaneidade, as celebridades recriam-se como heróis de si mesmas pela exposição midiática de suas fraquezas, problemas e desgraças pessoais. Nessa prática discursiva, Demi Lovato se torna um exemplo de sofrimento e superação.

Palavras-chave: Demi Lovato, discurso terapêutico, posições de sujeito, documentário, biografia.

Abstract. In this article, we demonstrate how contemporary therapeutic discourse shapes the construction of different subject position for Demi Lovato in the documentary *Stay Strong*, produced by MTV, in a context marked by the massive presence of biographical narratives of celebrities' disorders and mishaps in the media culture. We also analyze how the suffering in the contemporary culture amalgam authenticity, intimacy and identity in the relations between celebrities and their fans by setting a motivational ethos. We conclude that, in contemporary times, celebrities are recreated as self-heroes by the media exposure of their weaknesses, problems and personal misfortunes. In this discursive practice, Demi Lovato becomes an example of suffering and overcoming.

Keywords: Demi Lovato, therapeutic discourse, subject position, documentary, biography.

¹ Este texto faz parte do desenvolvimento do projeto "Diante da dor dos célebres: o ethos terapêutico em testemunhos televisivos de sofrimentos íntimos", com auxílio financeiro do Cnpq por meio da seleção da Chamada MCTI/CNPq/MEC/CAPES nº 22/2014 – Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas.

Introdução

Diferentemente de outras figuras públicas, na cultura contemporânea, a vida íntima das celebridades tem atraído enorme interesse do público. Essa característica refere-se, em parte, à redefinição das fronteiras entre público, privado e íntimo na contemporaneidade, bem como à proliferação da necessidade de formar publicamente determinados acontecimentos pessoais como características autênticas da individualidade de modo a pretensamente mostrar o que está por trás da persona pública. A exposição da intimidade das celebridades, muitas vezes por elas mesmas em programas de televisão, documentários, jornais, revistas e redes sociais, procura submeter a persona pública ao imperativo da visibilidade contemporânea, que se caracteriza pela constituição de uma *intimidade pública*: há a sensação de proximidade com as celebridades devido à proliferação de narrativas biográficas em diferentes produtos da cultura da mídia (Marshall, 2014). Embora muitas celebridades lamentem o fato de suas vidas íntimas serem oferecidas para consumo público pela mídia, as indefinições das fronteiras entre o público, o privado e o íntimo que ocorrem na cobertura de eventos da vida dos célebres é essencial para a manutenção do seu poder de estrela. O supostamente verdadeiro, íntimo ou *behind the scenes*, da vida de uma celebridade vem sendo extremamente valorizado por diferentes produções midiáticas, como tabloides, revistas e programas especializados, biografias e autobiografias, documentários, sites, redes sociais e fóruns, mantidos por fãs ou pelas próprias celebridades. Afinal, é por meio desses produtos que se enfatiza a possibilidade de um conhecimento sobre a “vida real” da celebridade, que, em momentos supostamente fora dos olhos do público, seria apenas “uma pessoa comum”, com problemas, sentimentos, desejos e hábitos de “pessoas comuns” (Honey, 1972, p. 62), que passam por muitas situações por que todos nós passamos e por outras que não vivemos, mas que lhe dão humanidade pela falibilidade: o sofrimento, a traição, o acidente, o abuso, o preconceito, a catástrofe, a doença, o vício, o trauma e assim por diante (Harper, 2006).

Nesse processo de ampla exposição, há uma transformação do “eu privado” das celebridades numa entidade pública. Para as celebridades, a distinção entre o “eu” (a representação de si como continuidade, integridade e autenticidade daquilo que o eu entende como sendo

o eu mesmo) e o “mim” (a representação de si como objeto, de modo material – corpo, roupas, propriedades –, social – relações e papéis – e, até mesmo espiritual, – pensamentos e consciência) é muitas vezes perturbadora. Tanto é assim que as celebridades frequentemente se queixam da confusão entre o que verdadeiramente são e a colonização de suas vidas pela representação midiática (Rojek, 2001). As tentativas de não se perder a si mesmo, somadas à exigência social de construção da autenticidade como aspecto central na relação entre célebres e fãs, têm tornado cada vez mais comuns que as exposições de determinados males, infortúnios e problemas por elas mesmas em entrevistas, testemunhos e confissões em programas de televisão, revistas, documentários, jornais ou mesmo em livros (autobiografias, biografias e memórias). Assim, as celebridades apresentam elas mesmas o que seria o próprio “eu mesmo” e buscam controlar as representações de si e produzir um vínculo de intimidade e identificação mais direto com os fãs. Nesse aspecto, a promessa de intimidade presente na relação entre celebridades e fãs se configura como efeito de poder, possibilitando maior identificação e confiança nos célebres na medida em que mais expõem seus problemas, os modos como superaram e aconselham baseados nas próprias experiências. Assim, em diferentes práticas discursivas, as celebridades assumem posições de sujeito com o objetivo de detalhar aspectos da vida íntima para mobilizar maior identificação com o público e buscar definir uma imagem pública na qual se reconheçam.

Como elaborou Michel Foucault (1986), o modo como os participantes envolvidos numa situação enunciativa constroem os seus discursos é determinado por circunstâncias de ordem sócio institucional, o que nos permite dizer que a posição de sujeito é construída pela relação com o Outro e pelas condições de manifestação do discurso. As posições de sujeito participam de um processo específico de convocação dos indivíduos a serem sujeitos de determinados discursos. Geralmente, elas se dão a partir da subordinação de indivíduos às expectativas dos discursos sobre o que é normal, permitido e necessário. A saberes, formados através de discursos, sobre o mundo e sobre si mesmos os indivíduos são subjugados para se tornarem sujeitos da enunciação.

Em outras palavras, as posições de sujeito são como diretrizes – conduções de condutas –, que, em cada situação específica, agem no posicionamento enunciativo (interpelação,

chamamento ou convocação) de indivíduos como sujeitos da normalidade, do desejável, do saudável ou da beleza, mas também da anormalidade, do indesejável, da doença ou da feiura, por exemplo. No entanto, é preciso ter claro que, em vez de produzir uma identificação automática, unívoca e estável, as posições de sujeito, no interior da vida social, processam um conjunto de intensidades e mecanismos que produzem um *lugar para o sujeito* a partir do qual determinados saberes, valores e sentidos são associados a indivíduos como sujeitos em situações bastante específicas. Assim, é relevante identificar os fenômenos que orientam a forma de organização e direcionamento de determinada prática discursiva, levando em consideração a produção de identidades e subjetividades numa dada formação discursiva. Além disso, como explica Stuart Hall (2000), se uma dada suturação do indivíduo a uma posição de sujeito exige não apenas que tal indivíduo seja convocado por determinada rede de enunciados, mas que também invista naquela posição, então, a “suturação tem que ser pensada como uma *articulação* e não como um processo unilateral” (Hall, 2000, p. 112). O ponto de sutura entre os processos de subjetivação e os discursos e práticas que buscam interpelar os indivíduos como sujeitos de enunciados particulares é a produção de identidades, ou, como diz Hall (2000, p. 112), trata-se de um “apego temporário às posições de sujeito”.

Como demonstramos na análise do documentário, Demi Lovato se apegou à posição daquela que superou (ou está superando) seus problemas psicológicos como forma de construir sua imagem pública para o consumo social e para promover maior identificação com jovens que passaram por situações semelhantes. Assim, seguindo as recomendações de Hall (2000), além de apenas identificar como os enunciados posicionam os indivíduos como sujeitos de normas, poderes e saberes, é preciso observar como os indivíduos *investem* em determinadas posições de sujeito de maneira interessada no processo de construção de suas identidades pessoais e no modo como poderão ser publicamente reconhecidos.

Demi Lovato é cantora, compositora e atriz estadunidense. Depois de fazer sua estreia como atriz em *Barney & Friends*, entre 2002 e 2004, ganhou destaque entre os adolescentes em 2008, quando começou num filme de televisão do *Disney Channel*, *Camp Rock*, e assinou um contrato de gravação com a Hollywood

Records para lançar um álbum. Na ocasião do filme, ela acabou iniciando namoro com um membro de uma famosa boyband da época, Joe Jonas de Jonas Brothers, que também protagonizavam o filme. Em 2008, lançou *Don't Forget*; no seguinte, *Here We Go Again*; em 2011, *Unbroken*; depois, em 2013, *Demi*, e, mais recentemente, em 2015, *Confident*. Desde o sucesso de sua participação naquele filme, ela conciliou a carreira como cantora e atriz, mas também participou como jurada do reality show musical *The X-Factor* nas temporadas de 2012 e de 2013.

Além dos êxitos na carreira, ela é conhecida pela publicização de diversas experiências problemáticas, especialmente por ter sofrido com o bullying na escola, com a separação dos pais e, sobretudo, com as exigências da fama durante a infância e a adolescência. Acabou desenvolvendo transtorno bipolar, bulimia e automutilação por não saber lidar com situações de intimidação e se sentir constante pressionada a emagrecer, ser bonita e se enquadrar nos padrões de normalidade. Por conta disso, acabou utilizando drogas e abusando de bebidas, tendo que aos 18 anos entrar numa clínica de reabilitação, Timberline Knolls, em novembro de 2010. Em 30 de outubro de 2010, ela se retirou da turnê *Jonas Brothers Live in Concert Tour* e se internou. Em 28 de janeiro de 2011, ele completou o tratamento e voltou para casa. No documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, ela reconheceu que tinha tido bulimia e que tinha tentado se livrar dos problemas, do sofrimento e angústia que sentia, se automedicando e abusando de drogas e álcool. Em outubro do mesmo ano, ela começa uma nova turnê em decorrência do lançamento do álbum *Unbroken*. Em 6 março de 2012, a MTV exibiu o documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, sobre a recuperação dela. O documentário foi dirigido por Davi Russo. Depois de sua exibição, ele ficou disponível no site da emissora estadunidense. Nossa análise se baseia na versão disponível nesta plataforma (MTV, 2012).

Nosso objetivo neste texto é analisar as posições de sujeito assumidas por Demi Lovato no documentário *Demi Lovato: Stay Strong* e entender como o discurso terapêutico contemporâneo se faz presente, orientando específicas formas de narrativa, de subjetivação e de identificação. Como fica bastante evidente em seus depoimentos no documentário, as experiências problemáticas da artista lhe permitiram assumir as posições de sofredora, de salvadora de si mesma e de exemplo para outros.

Nossa análise do documentário é composta por duas orientações metodológicas básicas: a primeira se refere a identificar as posições de sujeito assumidas por Demi Lovato ao longo do documentário por meio de narrativas autobiográficas terapêuticas e a segunda compreende estudar o processo de identificação entre a cantora e seus fãs, quando a rede de enunciados que a posicionam como vítima, conselheira e modelo de superação interpelam parcelas do público como sofrendores e desejosos pela mesma forma de salvação pessoal no interior da constituição social do discurso terapêutico contemporâneo.

Para este artigo, por conta das limitações de espaço e do próprio desenvolvimento da pesquisa, estamos considerando na análise sobretudo o dito em detrimento do mostrado: analisamos os depoimentos de Demi Lovato do ponto de vista verbal e não nos debruçamos detidamente sobre os recursos de linguagem audiovisual constituintes do documentário, embora saibamos das afetações existentes entre as formas audiovisuais, os processos de subjetivação e o discurso terapêutico na cultura contemporânea. Pretendemos dar conta desses aspectos em trabalhos futuros.

O biográfico e o terapêutico em Demi Lovato: *Stay Strong*

Demi Lovato: Stay Strong é um documentário televisivo de aproximadamente quarenta minutos de duração no qual Demi relata os problemas que vieram com a fama e os traumas da infância. O material é dividido em blocos que narram a história da ex-estrela da Disney e o retorno à carreira musical após três meses de tratamento numa clínica de reabilitação. Mais do que a exposição do lado humano, frágil e falho de um ícone juvenil conhecido internacionalmente, é uma história de superação sendo contada em frente às câmeras numa narrativa profundamente marcada pelo discurso terapêutico.

Como entendemos, o discurso terapêutico transforma os sentimentos em objetos públicos, a serem expostos, disputados e debatidos. Assim, o sujeito passa a participar da esfera pública através da interpretação e da exposição de sofrimentos íntimos. Por fim, “o que ajuda o indivíduo a crescer a história de sua vida como uma narrativa terapêutica é o objetivo da história” (Illouz, 2011, p. 77). Esse objetivo é demonstrar aquilo que impede a felicidade, sobretudo a possibilidade de efetivar

processos de autorrealização, e o modo como foi possível superar os obstáculos. Ao mesmo tempo em que privilegia a necessidade de buscar construir a si mesmo como indivíduo vencedor – capaz de resistir, sobreviver e superar em contextos adversos –, essa narrativa está profundamente baseada em situações de sofrimento e trauma, momentos entendidos como de dessubjetivação ou despossessão de si mesmo como sujeito autônomo no processo de realizar escolhas próprias. Enquanto a felicidade ou a superação é característica de um sujeito ativo e pleno de capacidade de autogestão, o discurso terapêutico na cultura contemporânea produz sujeitos que se sentem em diversas experiências da vida cotidiana (casamento, separação, escola, trabalho, reunião familiar) vulneráveis, frágeis ou em riscos de perderem a si mesmos diante de um mundo repleto de adversidades e tormentas (Furedi, 2003).

Assim, é produzido pelo discurso contemporâneo uma compreensão cada vez mais generalizada da própria vida como uma “disfunção generalizada” (Illouz, 2011, p. 77). Embora a narrativa terapêutica seja particularmente adequada ao gênero autobiográfico, ela o transforma significativamente: na autobiografia terapêutica, “a identidade é descoberta e expressa na experiência do sofrimento e na compreensão dos sentimentos que se adquire ao contar a história” (Illouz, 2011, p. 78). É uma narrativa que torna o sofrimento como o ponto de partida para a reconquista da possibilidade de superação. Trata-se, portanto, de uma nova ilusão biográfica: não mais aquela descrita por Pierre Bourdieu (1996), que localiza os primeiros anos da existência como ponto de partida para uma narrativa teleológica de construção da constância e da coerência de si mesmo ou de outro na duração de uma vida ou de períodos dela, há uma transformação significativa do sofrimento dramaticamente experimentado como momento a partir do qual o indivíduo poderá demonstrar sua plena capacidade de autorrealização e, assim, passar de sujeito do sofrimento a sujeito da superação.

Há dois aspectos dessa narrativa biográfica terapêutica que destacamos para a análise do documentário. O primeiro deles corresponde ao seguinte:

Essas narrativas usam moldes culturais da narrativa religiosa, moldes este que são regressivos e progressistas: regressivos por concernirem a eventos passados que, por assim dizer, ainda estão presentes e atuando na vida das pessoas;

e progressistas porque o objetivo da narrativa é estabelecer a redenção prospectiva – no caso, a saúde afetiva (Illouz, 2011, p. 81).

O segundo se refere à tensão entre a determinação (do sofrimento) e o voluntarismo (da mudança):

A narrativa toma o indivíduo como responsável por seu bem-estar psíquico, mas o faz eliminando qualquer ideia de falha moral. Com isso, permite que ele mobilize os esquemas culturais e valores do individualismo moral, da mudança e do autoaprimoramento. Contudo, ao transpô-los para a infância e para as famílias deficientes, o sujeito é eximido do peso de estar errado por levar uma vida insatisfatória (Illouz, 2011, p. 81).

Esses elementos estão precisamente manifestados no encadeamento narrativo do documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, iniciado pelo momento de eclosão dos problemas, “Como as coisas ficaram fora de controle”, até o momento da recuperação, “Celebrando o caminho para a recuperação”. Assim, ela passa de vítima de circunstâncias à heroína de si mesmo e exemplo para os fãs.

A partir daqui, quando efetivamente começamos a análise, todos os intertítulos do artigo passam a ser os mesmos do documentário.

Como as coisas ficaram fora de controle

Na parte que inicia o documentário, Demi se prepara para a noite de estreia de sua primeira turnê após a saída da reabilitação, “A Special Evening With Demi Lovato”. Num apanhado de sua carreira, que começou aos sete anos em *Barney e Seus amigos* e viu seu ápice no filme *Camp Rock*, já aos 14 anos, ela revela o outro lado de crescer diante do público e se converter numa adolescente confusa, tendo que conciliar a vida normal com turnês e gravações de álbuns, filmes e séries de TV. Ele conta, logo no início do documentário: “Minha grande oportunidade veio quando eu tinha 14 anos e eu estava no *Camp Rock*, do *Disney Channel*. Foi nesse momento que eu soube que a minha vida mudaria”.

Lovato conta que se encontrava exausta enquanto realizava uma turnê com os Jonas Brothers, trio com o qual mantinha uma relação mais do que profissional, já que namorava um dos vocalistas, Joe Jonas. Numa das viagens, já afetada pelos períodos de hiperprodutividade, perdeu o controle e agrediu uma das dançari-

nas da turnê, Alex Welch. Foi o estopim para sua internação no centro Timberline Knolls por diversos problemas físicos e emocionais:

Eu estive em turnê com os Jonas Brother. Quando eu estava lá era turnê, série, filme e álbum. Turnê, série, filme, álbum. Turnê, série, filme, álbum. E foi indo até que eu não tinha nenhum tempo livre. E eu estava indo com aquilo sem pensar. Eu amo que faço. E aí que tudo ficou meio louco. E um pouco, eu diria, talvez possivelmente fora de controle. Eu estava exausta. Eu tinha problemas a ser tratados, e nós colocávamos band-aids por cima deles. Isso literalmente me levou à loucura (MTV, 2012, tradução e grifos nossos).

Nessa fala, é interessante destacar como ela se posiciona como vítima das circunstâncias. Desse modo, ela localizou no momento de sua ascensão profissional como sendo quando os problemas emocionais começaram a se acirrar pela falta de tempo livre e para o enfrentamento direto deles. Ela detalha, noutra fala: “Eu não estava comendo, vomitava e me automutilava. Sabe... Foi muito difícil conseguir parar” (MTV, 2012, tradução nossa). Noutro momento, uma assistente entra no camarim e pergunta se ela quer comer alguma coisa. Ela diz que não quer comer nada, que não tinha fome alguma, o que demonstra certa permanência de problemas com o peso e a bulimia.

A primeira parte do documentário está baseada no retorno de Demi Lovato aos palcos, por conta do lançamento de seu novo álbum à época, *Unbroken*, cujo título faz referência a ela mesma, que, mesmo depois de passar por tudo que passou, era inquebrável. As cenas se dão no camarim e no hotel onde ela estava hospedada, mostrando os preparativos para a sua volta ao trabalho.

Ainda nessa primeira parte do documentário, quando ela trata das circunstâncias do próprio sofrimento, há um descolamento na pessoa do sujeito do enunciado – do “eu” para o “nós” – que caracteriza a narrativa autobiográfica terapêutica. Como já mostramos, esse tipo de narrativa, em primeiro lugar, localiza num determinado conjunto de acontecimentos passados a causa ou raiz do sofrimento em direção à recuperação e, posteriormente, busca eximir o indivíduo do sofrimento vivido, mas responsabilizá-lo pela mudança e pelo autoaprimoramento (Illouz, 2011). Nesse ponto, é interessante demonstrar que, assim como ela, outras pessoas próximas (provavelmente, os produtores, empresários, os próprios pais, familiares, amigos), estavam negligenciando

o fato de ela estar com problemas e precisar de ajuda profissional, diante do sucesso que estava fazendo. Há um deslocamento na responsabilidade pelo sofrimento – do eu para o outro –, enquanto a superação é marcada pela vontade próprio de transformação.

Noutro momento, Demi comenta, quando percebeu que não tinha mais condições de seguir naquelas condições e recebeu uma intervenção dos pais, que pediram para que ela parasse com tudo e se internasse num centro de reabilitação: “Eu perdi tudo agora e só tenho que trabalhar para conseguir tudo de volta” (MTV, 2012). Ou seja, embora a causa dos problemas e a intervenção sejam externas (de outros), ela assume a responsabilidade pela recuperação, legitimando em si mesma a capacidade de autorrealização e superação.

É frequente na cultura contemporânea identificar que os artistas que cresceram sob os holofotes possuem mais chances de cair num estado de desequilíbrio. Anos frente às câmeras, transformando a vida de uma criança comum em uma criança prodígio, resultariam em situações de pressão, confusão e superexposição responsáveis por fazer uma mente jovem – entendida como potencialmente despreparada – ruir. Nesse ponto, o relato de Demi Lovato é entrecortado por imagens de seus trabalhos para a TV e para o cinema. O que é mostrado nesse trecho do documentário se adequa à observação de Eva Illouz (2011) de que a narrativa biográfica terapêutica é feita de trás para frente, buscando identificar, na trajetória de vida, uma complicação responsável por impedir a autorrealização. Nesse caso, a situação problemática está na própria vida de celebridade. Nesse sentido, a cultura das celebridades é vista como tendo uma dupla face: eleva e destrói, e é preciso estar preparado para encarar os dois lados. Enquanto uns caem no ostracismo e tem de lidar com a falta de visibilidade, outros são alçados ao sucesso, tendo de encarar a competição para se manter em evidência e relevante para a indústria midiática e para o público. Muitos recalcam suas disfunções emocionais, outros as canalizam como elemento de autenticidade para se manterem ativos no *show business*, que, dentro da cultura terapêutica contemporânea, passou a ser amplamente percebido como extremamente agressivo e danoso psicologicamente (Harper, 2006). Ou seja, a visibilidade experimentada pelas celebridades pode provocar problemas psíquicos. No caso de Demi Lovato, ela sofria porque queria manter uma imagem de perfei-

ção corporal e se sentia extremamente falha na capacidade de se manter em forma e magra.

Como estamos demonstrando, através da narrativa autobiográfica terapêutica, é possível expor sentimentos íntimos e discuti-los em público: um processo que, ao mesmo tempo que admite uma incapacidade do ser em se administrar de maneira eficiente, pode despertar no outro a compaixão e a admiração por meio da confissão ou do testemunho de problemas pessoais, conduta que é frequentemente reconhecida como indício de sinceridade, autenticidade e coragem (King, 2012). Artistas da indústria fonográfica como Demi Lovato transformam suas aflições em inspiração e produtos para expurgar os males. É como ela mesma disse em relação ao seu novo álbum, *Unbroken*: “Sem música seria muito difícil de sobreviver, muito difícil de me manter em recuperação”. Ou seja, assim, ela, ao mesmo tempo, é instada a transformar a produção musical em narrativas de suas próprias experiências de sofrimento (não se trata apenas do relato do que viveu, mas de servir de alguma forma de exemplo ou referência para aqueles que sofrem em situações semelhantes), como também coloca a música como expressão de uma experiência autêntica, na medida em que permite que ela expresse o que verdadeiramente considera ser para si mesma o mundo. Toda manifestação de autenticidade necessita de reconhecimento, uma vez que é somente a partir dele é possível legitimar como realmente existente a capacidade de autorrealização de determinado indivíduo. Dessa forma, ser autêntico se dá nas relações de significado com o Outro, o que o fundamento do ideal moral de autenticidade são relações de reconhecimento que, simultaneamente, se complementam e se conflitam em uma tensão irresolúvel que no processo de constituição do eu (Taylor, 2011). No entanto, tem ocorrido com frequência diante da permeabilidade do discurso terapêutico na cultura contemporânea a transformação da autenticidade num princípio que substancializa o sentimento de existência à ideia de ser fiel a si mesmo, especialmente no que diz respeito à legitimação da visão solipsista e atomista de autorrealização e autodeterminação do indivíduo.

Desse modo, no âmbito da cultura da mídia, se o produto, seja ele uma composição, uma performance ou um videoclipe, estiver motivado ou relacionado aos problemas enfrentados pelo sujeito que sofre, ele certamente ganhará status de autêntico. Então, tem sido

com frequência buscado converter a dor e falha em vantagem competitiva – elemento de distinção ou até mesmo em formato – no mercado dos bens culturais. Afinal, como observa Harper (2006, p. 313-314), vivemos em sua sociedade em que as falhas das celebridades – sua “realidade suja” – são tão rentáveis quanto os seus sucessos, sendo vital considerar como a indústria midiática e o público negociam e exploram imagens de desgraça da celebridade, do abuso de drogas aos distúrbios alimentares, como forma de promoção de produtos e de identificação.

Encontrando um propósito maior

Nessa parte do documentário, mais centrada em seu relato em primeiro plano entrecortado por imagens de seus trabalhos para a televisão e para o cinema, Demi explica porque havia perdido o autocontrole e a autoconfiança:

Eu acho que a sociedade põe pressão em quem está no holofote para serem de uma certa maneira. E para permanecerem em forma. Por muito tempo eu dizia que não, que não colocava pressão, mas no final do dia: sim, colocava. E é muito difícil. Eu estava lendo comentários de estranhos na internet dizendo: “Essa garota é horrível, ela é gorda”. E eu pensava: “Bem, eles são estranhos, eles não iriam mentir, estão dizendo a verdade”. Até hoje eu tenho um momento difícil, tentando me manter em recuperação, mas também magra e em forma (MTV, 2012, tradução nossa).

Fica evidente nessa fala que a preocupação de Demi Lovato era demonstrar que os padrões sociais de beleza e bem-estar, especialmente manifestados em comentários na internet, exerceram intensa perturbação em sua psique, causando problemas emocionais e físicos. Sentindo-se pressionada pela intensa rotina de trabalho, pelos padrões de beleza e pela busca interna pelo verdadeiro eu, ela se questionou se de fato era um bom modelo para as crianças e adolescentes que a seguiam sem imaginar os problemas com os quais estava lidando:

Quando comecei na indústria, eu estava no Disney Channel, e todo mundo me fez um modelo. Eu odiava aquilo! Eu estava em festas, me auto-medicando, e eu ficava tipo assim: “Você não sabe com o que eu estou sofrendo, você não sabe com o que eu estou lidando, porque você quer que seu filho seja como eu?”. Eu estava sempre estressada, eu me olhava no espelho e não me sentia boa o suficiente. Eu pensava que estava vivendo uma

mentira. Eu estava lidando com toda essa dor emocionalmente e me sentia culpada e envergonhada. Eu decidi descontar em mim mesma. E eu me machuquei. Era a minha forma de descontar em mim mesma minha própria vergonha, minha própria culpa. E eu estava deprimida (MTV, 2012, tradução nossa).

Nesse momento, a câmera desloca o foco do rosto de Demi Lovato para os seus punhos. Ela havia, durante suas crises emocionais, se automutilado diversas vezes (Figura 1). No lugar das cicatrizes, a cantora havia tatuado no punho direito a palavra “Stay” e no esquerdo, “Strong”, formando a frase “Stay Strong”. Essa é, obviamente, uma característica típica do ethos motivacional engendrado pelo discurso terapêutico, que transforma o sofrimento em meio a partir do qual se poderá dar o desenvolvimento pessoal (Sacramento, 2016). Assim, busca lembrar a si mesma e ensinar a outros que é o próprio indivíduo agente de sua transformação. É necessário se manter forte para não sucumbir diante das opiniões alheias e dos problemas, tendo sempre em mente o seguinte: “Saber quem você realmente é”, como explica a cantora. Esse ethos motivacional designa um conjunto de práticas, produtos e discursos que não entram em conflito com o conteúdo moral e religioso inerente ao gênero, mas, ao contrário, abarca-os e implica-os no interior de ideias sobre sucesso e autoestima que procuram produzir sujeitos mais produtivos para o trabalho e para si mesmos (Rüdiger, 1996).

A frase “Stay Strong” serve, portanto, para ela mesma se encorajar a continuar se “mantendo forte”, como para que outros se identifiquem e procurem superar seus sofrimentos. Não à toa, essa frase intitula o documentário, uma música do novo álbum e o cartaz de divulgação do documentário, que conta com uma foto das tatuagens (Figura 2). Assim, como já afirmamos antes, os males e sofrimentos por que as celebridades passam, além de basearem produtos na cultura da mídia contemporânea, permitem atribuir aos célebres sofrendores mais reconhecimento e identificação, na medida em que eles são consagrados como autênticos por revelarem em detalhes seus conflitos e problemas emocionais em público.

As experiências e as narrativas de falhas e fragilidades emocionais das celebridades são cada vez mais percebidos e consumidos como elementos de autenticidade (da capacidade de falar sobre si mesmo para além da imagem



Figura 1. Demi Lovato mostra as tatuagens em seus punhos formando a frase “Stay Strong”.
Figure 1. Demi Lovato shows the tattoos on her fists forming the phrase “Stay Strong”.



Figura 2. A imagem de divulgação do documentário.
Figure 2. The promotional image of the documentary.

de perfeição imposta pela indústria midiática, bem como dos danos dessa pressão pela perfeição e pelo excesso de exposição) e de intimidade, uma vez que os fãs acreditam poder se identificar ainda mais com seus ídolos por eles demonstrarem fraquezas que eles reconhecem como sendo suas próprias também ou semelhantes àquelas por que passam ou passaram.

No entanto, é a própria reexposição midiática – a partir da ideia de um retorno, depois de um período de tormenta – que mobiliza públicos e audiências para consumir os novos produtos lançados pela celebridade. No caso de Demi Lovato, o novo álbum, os singles, a turnê, os clipes, o documentário e, posteriormente, o livro de memórias. Em novembro de 2013, Lovato lançou o livro *Staying Strong: 365 Days a Year*.

Na página do documentário no site da MTV, é possível encontrar depoimentos de pessoas que se sentem inspiradas pela história de Demi Lovato ou de alguma maneira sentiram que ela as ajudou a superar adversidades:

“A história de Demi realmente me ajudou na minha vida e a sempre ir atrás dos meus sonhos :)”
 (MTV, 2012, tradução nossa).

“Demi tem ajudado muitas pessoas. Ela não usa isso para se tornar famosa, ela já era (famosa). Ela usou sua fama para ser franca sobre seus problemas e ajudar os outros. Ela não é perfeita, mas ela é um grande modelo. Eu sei pelo fato de que ela já salvou muitas vidas. Demi ama seus fãs e nós a amamos” (MTV, 2012, tradução nossa).

“Ela é verdadeiramente inspiradora. Ela é humana. Ela é real e ela não esconde nada. Aquilo ali tem verdadeira força e coragem. Meus respeitos para Demi!” (MTV, 2012, tradução nossa).

“Lutei um monte das mesmas batalhas contra fome, vômito e automutilação como a Demi. É bom ter a lembrança de que você nunca deve desistir, e sempre ficar forte. não importa o que aconteceu no dia anterior, a recuperação é uma batalha diária e recaídas vão acontecer. Obrigado demi por ajudar a me manter forte e lutar!”
 (MTV, 2012, tradução nossa).

Na cultura da mídia contemporânea, o sofrimento é compreendido como elemento de humanização da celebridade e de aproximação dela com os fãs. A sensação de espiar o íntimo, construída a partir de uma promessa de participação ativa e intensa no processo de reabilitação de seu ídolo, desperta nos fãs o desejo de serem importantes na vida de Demi Lovato, em retribuição ao quanto identificam na relação com ela ganhos e transformações pessoais, como autoestima e autoaprimoramento. No caso dos fãs de Demi Lovato, por exemplo, ir aos shows pode ser tomado como um momento de catarse coletiva, onde todos se libertam de suas aflições e buscam forças para enfrentar os problemas. Essa lógica se estende ao escutarem

suas músicas, assistirem a seus vídeos ou lerem suas entrevistas, já que a narrativa terapêutica da autorrealização tem ampla penetração e é praticada numa grande variedade de locais sociais como grupos de apoio, programas de entrevistas, aconselhamento, centros de reabilitação, seminários remunerados ou a internet (Illouz, 2011, p. 72). Em todos esses espaços se dão processos de reatualização do eu diante das próprias adversidades e dos transtornos por elas provocados na psique.

Assim, Demi Lovato entende que finalmente estava se tornando um modelo mais honesto para seus fãs. Seu propósito maior se tornou inspirar as pessoas e ajudá-las a passar por seus problemas: “É para usar a minha voz e inspirar pessoas. E para fazer as pessoas passarem por suas dores e seus problemas e deixá-los para cima quando estiverem para baixo” (MTV, 2012, tradução nossa). Nesta fala, é importante reconhecer a dimensão messiânica do discurso terapêutico. Demi Lovato se reabilita, na medida em que encontra um propósito ainda mais ambicioso para si mesma. Dessa vez, tal propósito é dito ser baseado em sua vontade própria e não no determinado pela indústria midiática pela imagem de perfeição. É claro que, como estamos mostrando, o reconhecimento da autenticidade dos célebres por parte do público é um objetivo cada vez mais comum. Se, por um lado, isso produz processos de identificação, também produz relações de poder, a partir das quais as celebridades se posicionam como sujeitos da superação e investem na consagração pública da capacidade própria de autorrealização e, conseqüentemente, de aconselhamento. Como observa Bauman o “surto de aconselhamento” na cultura contemporânea, configurou mudanças nos regimes de religiosidade e nos sistemas de confiança: “a incerteza de estilo pós-moderno não gera a procura da religião: ela concebe, em vez disso a procura sempre crescente em especialistas na identidade” (Bauman, 1998, p. 222).

Desse modo, a partir da atuação de Demi Lovato na indústria midiática, é possível identificar um conjunto diversificado de conselhos sobre autoestima, autoconfiança e autoaprimoramento: em publicações nas redes sociais, em entrevistas, em programas de televisão, em livros, em músicas, em shows. Como ela mesma

caracterizou o seu show – num híbrido entre o culto religioso neopentecostal e o grupo de apoio mútuo –, o importante é “estar em conexão com os fãs” (MTV, 2012, tradução nossa). Assim, completou a descrição da experiência: “São dois mil estranhos se conectando, somos eu e eles. Somos estranhos que ficamos juntos pela música”. Num dos momentos desta parte do documentário, há diversos pequenos testemunhos de fãs que confirmam que a música e a história de Demi Lovato lhes ajudaram a superar seus problemas. Uma das fãs carrega um cartaz com a seguinte frase: “Você me salvou, Demi” (MTV, 2012, tradução nossa). Essa frase ao mesmo tempo que reforça a dimensão da adoração não pelo transcendente mas pelo exemplo empírico de transformação que é a própria vida da cantora, contribuiu para reforçar os laços estabelecidos na construção de uma comunidade afetiva, marcada pelo sofrimento de desajustes em relação aos padrões sociais de beleza e normalidade) entre Demi e seus fãs e entre os próprios fãs. Uma delas sentença: “Se ela foi capaz de superar, eu também serei” (MTV, 2012, tradução nossa).

Buscando produzir uma relação entre vida, obra e aconselhamento motivacional, as músicas de Demi Lovato no contexto do álbum *Unbroken* servem tanto como expressão dos sentimentos vividos pela cantora como conselhos de como viver para os fãs, conduzindo para a transformação das experiências de sofrimento em fortalecimento diante das adversidades². Assim, Demi Lovato orienta seus fãs com base em sua própria experiência, o que parece legitimá-la ainda mais: como diz Arfuch (2010), na sociedade contemporânea, passamos a supervalorizar a experiência como forma mais autêntica de compreender o estar-no-mundo. Como uma especialista na recuperação emocional, Demi Lovato pôde começar pelas suas produções midiáticas (sobretudo pelas músicas) a prescrever as escolhas e condutas necessárias para se obter autoestima, tendo por base sua própria experiência. Essa crença desmedida na experiência faz com que os indivíduos julguem não precisar de pregadores que lhes digam sobre as fraquezas e as insuficiências que lhes caracterizam, mas de conselheiros que possam afirmar o que podem fazer e um resumo de como fazer para tornarem a vida mais feliz e segura (Bauman, 1998).

² Neste artigo, não será possível realizar a análise das implicações entre estímulos motivacionais e experiência pessoal de perturbações psicológicas a partir das músicas da cantora.

O primeiro Dia de Ação de Graças fora do tratamento

Na terceira parte do documentário, Demi relata seus problemas alimentares e lembra que seu peso e corpo a incomodavam desde muito pequena. Conforme os anos passavam, a culpa e a vergonha aumentavam. A separação dos pais, de uma perspectiva psicológica, poderia ser considerada um fator que cooptou para o surgimento dessas inseguranças, mas a própria sentia que já havia nascido com essas questões uma vez que não se sentia boa o suficiente no que fazia desde muito cedo. Um dos principais problemas é em relação à comida. Na primeira comemoração do Dia de Ação de Graças em família depois de sair do centro de reabilitação, ela temia voltar práticas bulímicas:

Eu pensei em toda comida que comi no Dia de Ação de Graças. Estava tudo na minha mente. Eu não achava que ia conseguir passar o dia todo sem vomitar. Mas eu estava no celular constantemente com meu conselheiro e me controlei. E é algo de que estou muito orgulhosa (MTV, 2012, tradução nossa).

Nesse momento, ela demonstra extrema fragilidade no documentário. Mesmo depois da reabilitação, encarar o Dia de Ação de Graças, um evento familiar e onde há muita comida, é um desafio. Afinal, uma recaída a faria ficar desapontada consigo mesma, mas também desapontaria todos aqueles que acreditam em sua recuperação. Há diversas imagens em que ela fica parada olhando para a comida, enquanto seus familiares se fartam. O principal problema é a contradição entre o desejo de comer e o receio de engordar. No dia seguinte, ela tinha um show:

Antes de entrar no palco, eu estava chorando em meu camarim e não me sentia bem o suficiente. Eu sei que é bobo para algumas pessoas, você não acha que ganha 10 quilos por comer um pouco mais num dia. Mas para mim isso mexe demais com a minha cabeça. Então, eu penso: "Eu comi muito ontem, eu vou paro o palco e as pessoas vão ver tudo o que eu comi" (MTV, 2012, tradução nossa).

Nesse período, além da angústia em relação à comida e ao ganho de peso, a cantora estava com intensa dor de garganta. Apesar de ter ido ao médico e tomado remédios, ele assegurou que não seria um problema que passaria rapi-

damente. Então, nesse contexto, ela estava bastante insegura em relação à apresentação: pela performance vocal, pela dor de garganta e por dar a ver um possível ganho de peso.

Uma bela fã

Nesta parte do documentário, fica claro que não é apenas Demi Lovato quem inspira os fãs, mas é inspirada por eles num grande exercício terapêutico. Toda a insegurança que Demi Lovato estava vivendo se enfraquece quando ela se posiciona como exemplo de superação para os fãs. Num *meet & greet* com alguns fãs antes do show, ela encontra com uma com câncer que decidiu assumir publicamente os efeitos do tratamento da doença: "Você me inspirou vir sem a minha peruca, e você pode mudar tantas coisas. Obrigada, eu acredito em você" (MTV, 2012, tradução nossa). Embora tenha sido simpática com a fã, logo depois de se despedirem, ela demonstra perceber o quanto tem de responsabilidade sobre a vida das pessoas e, de certa maneira, parece estar pressionada. Ela continuava sendo aquilo que lhe angustiava no começo: um modelo. Se não era mais um modelo de perfeição, era o de alguém que tinha tido a coragem de assumir seus problemas emocionais e enfrentá-los. Ao ver que finalmente conseguiu ser um modelo pelos motivos que acreditava serem dignos de exemplo, alguém que superou problemas e não apenas um ícone de moda ou beleza, ela se esforça para que seus fãs se sintam como ela e possam encontrar forças aceitando quem verdadeiramente são. Assim, durante o show, demonstra a relação íntima que procura ter com eles ao compartilhar o período difícil por que estava passando e como o encontro com aquela fã a fortaleceu. Dando uma pausa na apresentação de músicas, como numa palestra motivacional, ela dá o seu testemunho e estimula seus fãs a buscarem inspiração um nos outros e se manterem fortes diante dos problemas:

Hoje, ainda é uma jornada e ainda é sobre a batalha que eu enfrento. Hoje, eu lidei com muita coisa. Eu estava tendo um dia realmente muito ruim, e o que me animou foi uma linda menina que eu conheci. Ela me disse que eu a inspirei a vir aqui hoje sem a peruca. É por isso que continuo fazendo todos os dias da minha vida. Não importa o quão difícil fique, é tudo sobre as pessoas que estão sentadas nessa plateia e a força que vocês têm. Então, continuem inspirando as pessoas, porque vocês me inspiram a ficar bastante forte. Então, obrigada (MTV, 2012, tradução nossa).

Nessa fala, ela se mostra numa relação de reciprocidade com os fãs: eles a inspiram e ela os inspira. Nesse sentido, a exigência contemporânea de autenticidade nas realizações das celebridades tem garantido a formação de públicos, desejosos por experiências com que possam se identificar na medida em que se pareçam verdadeiramente fieis ao que os célebres são para si mesmos. O amálgama entre autenticidade, reconhecimento e identificação produz uma específica *comunidade de sofrimento* (Illouz, 2011), possibilitadas pela construção de determinados valores, gostos, sentidos e interesses comuns que privilegiam um conjunto de práticas sociais e constituem lembranças compartilhadas. Assim, Demi Lovato e seus fãs compartilham a luta contra o sofrimento para reestabelecer a autoestima e a capacidade de autorrealização, evitando assim ao máximo perder o controle da própria vida pela interferência de outros (agressores, preconceituosos, abusadores), mas também de eventos considerados potencialmente traumáticos (separação dos pais, bullying na escola, problemas com o peso e a aparência física, discriminação racial ou de gênero e assim por diante). Desse modo, como fica evidente nesse momento do documentário, ela procura estabelecer com fãs e entre os fãs relações de ajuda mútua.

Além de reconhecer a reciprocidade, ela se posiciona como conselheira ao repetir o seu lema “stay strong”, como um mecanismo próprio da vontade individual – do bastar querer ficar forte para estar forte o suficiente para enfrentar diversas situações problemáticas (doenças, discriminações, violências, desigualdades e assim por diante). É evidente, portanto, que o projeto de transformação de si promovido pelo discurso terapêutico em sua dimensão motivacional parte do princípio de que “tudo que um ser humano é capaz de fazer, qualquer outro pode” (Oliveira Júnior, 2016, p. 129), tendo em sua constituição o exercício da governamentalidade neoliberal (Rose, 1999). Assim, subsumindo o social, os praticantes do ethos motivacional são frequentemente instigados a “sonhar alto” e ampliar o objetivo de vida, sendo mais ambiciosos e confiantes em suas próprias capacidades para mudarem e se tornarem mais felizes e realizados. A transformação passa a ser uma questão de escolha individual e capacidade de autogerenciamento e não tem determinações socioculturais e econômicas ou mesmo biológicas ou ainda aquelas marcadas pelo acaso.

Visitando Timberline Knolls

Nessa parte do documentário, mostra o retorno da ex-estrela da Disney à clínica de reabilitação. Ao passear pelos cômodos do lugar, ela lembra como foi difícil: “Tipo, eu não acreditava que estava passando o Ano Novo na reabilitação. Isso não é o jeito que eu queria passar meu Ano Novo. Eu fiquei desolada, eu fui para o meu quarto e fiquei pensando: O que eu fiz com a minha vida? Onde foi que eu errei?”. Para ela, o apoio dos fãs foi fundamental. Foi o que permitiu que ela se mantivesse no tratamento. Ao sair, ela fez as tatuagens em seus punhos para marcar em si mesma a memória do processo de recuperação: “Essas são bem significativas para mim. Eu fiz para cobrir as cicatrizes que eu tinha. Mas eu também fiz porque meus fãs diziam o tempo todo: Fique forte, aguenta aí, fique forte”.

Ao falar com os pacientes do centro de reabilitação, o tom motivacional torna a estruturar o depoimento de Demi Lovato, que novamente se posicionada como conselheira ou orientadora para processos de recuperação emocional:

Sabe, eu estava aqui um ano atrás e passei Halloween, Ação de Graças, Natal e Ano Novo aqui. E eu sei o quão difícil é. Tipo, eu estava aqui, estava nessas cadeiras onde vocês estão agora. E eu odiava esse lugar. Eu literalmente pensei que os médicos daqui eram malvados. Eu estava vindo aqui por causa da automutilação e da desordem alimentar. E eu descobri quando estava aqui que eu era bipolar. E eu estava me perguntando: “O que é bipolar, afinal? Quer dizer, todo mundo muda de humor. Então, bipolar é o mesmo que normal é?” (MTV, 2012, tradução nossa).

Ela concluiu a sua fala para os pacientes com a seguinte frase: “Eu desejo que todas as pessoas daqui possam viver suas vidas em liberdade”. Sendo assim, o ethos motivacional do discurso terapêutico se baseia numa ética de *autopreservação*, por meio da qual indivíduos se concentram enfaticamente no próprio bem-estar, tornando potencialmente insuportável o fracasso, a perda e a dependência diante da intensificação da necessidade de fama, autoconhecimento e sucesso (Lasch, 1983). Ela estava partindo do entrelaçamento entre certo comportamento cultivado e cultuado dentro da cultura contemporânea (autonomia, racionalidade, inovação, adaptabilidade, flexibilidade, autorrealização) e os sintomas relacionados à bipolaridade. Ou seja, numa cul-

tura que constrói como ideal de subjetividade normal o autoconhecimento, a autonomia e a volição em detrimento da subjetividade anormal como dependente do cuidado alheio, há uma proliferação de novas doenças mentais e diagnósticos que alertam sobre a incapacidade individual de controle emocional, o que torna mais porosa a fronteira entre o normal e o patológico: enquanto é cada vez mais normal o patológico (em termos de frequência e incidência), o saudável tornou-se quantitativamente restrito e simbolicamente provisório e fugidio, sendo cada vez mais valorizado por indivíduos que são instados a cada vez mais a evitar os riscos de adoecer e sofrer na sociedade contemporânea (Vaz, 2010). Assim, estados cognitivos e emocionais que apresentam transformações tumultuadas e contínuas estão passando por uma mudança dramática na valência. Por exemplo, os muitos relatos de transtorno bipolar que inundam a vida cotidiana apontam para um processo de deslocamento cultural: do transtorno maníaco-depressivo para a incapacidade de se manter forte, estável e controlado (Martin, 2007). Por conta disso, o diagnóstico permitiu mais do que receber tratamento psicológico e medicamentoso poder reestabelecer a normalidade. No caso de Demi Lovato, “dar a volta por cima” e retomar sua carreira de forma brilhante e inspiradora após os variados problemas de ordem física e psicológica por que passou, poderia despertar nos fãs a ideia de que também poderiam se manter fortes diante dos problemas:

Quando eu estava no tratamento, eu percebi que poderia usar o fato de estar aqui para o melhor. Então, por que não contar todos os meus segredos, por que não compartilhar minha história? Porque algumas pessoas precisam ouvi-la (MTV, 2012, tradução nossa).

Celebrando o caminho para a recuperação

Como já é de praxe na indústria midiática, são frequentes os processos de *comeback* (de retorno ao estrelato) por meio da experiência de celebridades. Nessas narrativas, há estágios de equilíbrio, distúrbio e recuperação. O que cabe ressaltar é que a recuperação, na vida cotidiana, raramente é tão “simples e triunfante” como mostrada na dinâmica espetacular da cultura da mídia (Harper, 2006, p. 314). No caso de Demi Lovato, a sua recuperação motivou o lançamento de um novo álbum, *Un-*

broken, de 2011, que teve entre as suas faixas a música *Stay Strong*. No documentário, ela cantou para os internos do centro de reabilitação a música *Skyscraper*, que foi o primeiro single do novo álbum. Essa música também conta com uma letra inspiradora, como fica evidente no trecho abaixo:

*You can take everything I have
You can break everything I am
Like I'm made of glass
Like I'm made of paper
Go on and try to tear me down
I will be rising from the ground
Like a skyscraper
Like a skyscraper (Lovato, 2011).*

Em relação à reabilitação, ela encerrou o documentário dizendo o seguinte:

As pessoas acham que você é como um carro em uma oficina de reparação. Você vai lá, eles te consertam, você sai e funciona como um novo. Mas não funciona assim, sabe? Tem que se consertar constantemente (MTV, 2012, tradução nossa).

Essa frase demonstra uma combinação entre o conhecimento formal e informal, bastante intensa na configuração de identidades no contexto de plena circulação do discurso terapêutico na vida social contemporânea: não apenas puramente *experts* ou *leigos*, mas uma mistura dos dois. Há, então, um processo de transformação de sofrendores em especialistas, bem como em terapeutas uns dos outros, pois “a linguagem terapêutica padronizou trajetórias de vida e discursos autobiográficos” (Illouz, 2003, p. 168). A noção de que é preciso vigilância constante e de que o tratamento é ininterrupto é bastante comum nos grupos de autoajuda (Alcoólicos Anônimos, Vigilantes do Peso, Narcóticos Anônimos e assim por diante) e se espalhou como senso comum no estabelecimento de conexões causais entre sofrimento e superação, patologia e normalidade. Ou seja, é necessário que os indivíduos nesses grupos aprendam a controlar suas compulsões de modo a não se tornarem agressores de si mesmo ou vítimas de seus próprios comportamentos desviantes (Vaz, 2010). Expandindo esse entendimento, Demi Lovato procura não ser mais agressora de si mesma e busca autocontrole e autoconfiança em si e naquelas que a amam, particularmente os fãs. Isso reforça a vinculação comunitária configurada pelo sofrimento comum. A comunidade de sofrimento formada com os fãs e entre eles

a partir da experiência dela se estrutura fundamentalmente pelos laços pragmáticos de solidariedade que seus membros praticam por partilharem a ideia de que essa relação poderão se manter seguros, se fortalecer, ser aceitos e reconhecidos pelo que verdadeiramente consideram ser sem precisar se esconder ou ocultar seus pensamentos, desejos, corpos, problemas ou inquietações³.

O documentário termina com a equipe comemorando numa festa dentro do ônibus da turnê o seu fim. Segunda a cantora, ela poderia voltar a repousar e ter uma vida mais normal.

Considerações finais

A realização de *Demi Lovato: Stay Strong*, certamente, foi parte de uma estratégia de marketing para promover o retorno da cantora ao trabalho depois da reabilitação. Como já comentamos, é comum, especialmente na indústria midiática estadunidense, produzir retornos (ou, como se frequentemente chama, *comebacks*) de artistas que passaram por alguma situação pessoal problemática (separação, depressão, vício, compulsão, doença crônica). Qualquer tipo de acontecimento que leva ao sofrimento psíquico deve ser considerado como algo a ser superado. Aqui, há dinâmicas importantes da formação da subjetividade na cultura contemporânea: a proliferação de transtornos psicológicos na definição da conduta de indivíduos e a necessidade de gerenciar a si mesmo de maneira eficiente para ser capaz de superar os sofrimentos provocados pelos infortúnios experimentados. Há, assim, mais do que uma questão de estratégia de mercado na realização desse documentário. Afinal, há outra dinâmica bastante presente nesse contexto: a necessidade de expor experiências de sofrimento e de superação como forma de criar *comunidades terapêuticas de afeto*, em que uns se tornam terapeutas dos outros. Ao mesmo tempo que Demi Lovato, em determinados depoimentos do documentário, dizia que tinha uma relação simétrica e recíproca com os fãs no estabelecimento de apoio mútuo, na maioria deles, ela se coloca como sendo um modelo mais verdadeiro para seus

fãs na medida em que não precisava simular perfeição, mas, como ela mesma disse, compartilhar sua própria história, seus segredos, como forma de ajudar aqueles que precisam “ficar fortes”.

Há, por conta da presença intensa do discurso terapêutico na cultura contemporânea, uma diversidade enorme de produtos culturais baseados em narrativas biográficas terapêuticas (livros, documentários, músicas, álbuns, programas de TV, sites). As celebridades, particularmente em contextos de retorno, produzem e baseiam uma série desses produtos. Um estudo sistêmico da trajetória de Demi Lovato ou mesmo mais especificamente centrado no período posterior à reabilitação será possível analisar em diferentes produções uma diversidade de manifestações do discurso terapêutico em sua dimensão motivacional. Assim, a vida dela se torna marcada por um evento bastante determinado: não é apenas o “antes” e o “depois” da reabilitação, mas sobretudo o reconhecimento da necessidade de superar os sofrimentos causados por circunstâncias diversas. O que se busca, dentro dessa lógica, não é resolver não são as causas dos problemas (fora do alcance e do controle do indivíduo), mas aprimorar a capacidade interna de autodeterminação.

A valorização da afirmação do sofrimento emocional na espera pública midiaticizada contemporânea se atrela à política de reconhecimento de experiências que aspiram à autorrealização, o que garante um ajuste da subjetividade aos desígnios do capitalismo neoliberal. Desse modo, o documentário *Demi Lovato: Stay Strong*, como outros produtos culturais baseados em experiências de superação, difunde o autoconhecimento emocional e autodeterminação pessoal numa concepção tanto otimista quanto individualizada, buscando afirmar o próprio indivíduo em determinado da sociedade é responsável pela própria felicidade. Assim, uma série de formas de sofrimento psíquico se reconfigura pela mediação de um ideal que vincula saúde à autorrealização, contribuindo para tornar o autoaprimoramento uma exigência (que faz com os que não conseguem se sintam falhos consigo mesmos)

³ Certamente, uma pesquisa etnográfica de fãs poderá trazer diversos elementos para analisar a participação do discurso terapêutico na formação de comunidades de sofrimento, envolvendo não apenas a observação participante de shows, mas também de encontros presenciais e fóruns online e, ainda, o consumo de outras narrativas autobiográficas terapêuticas em diferentes produtos (documentários, livros, programas de TV, músicas, álbuns, clipes). Neste trabalho, estamos considerando o documentário como produto de uma cultura marcada pela formação de vínculos agenciados por interesses comuns de salvação pessoal.

e para uma memória pessoal do sofrimento, que, ambivalentemente, passa torna o evento atormentador bom (ou minimamente positivo) por motivar uma jornada de autoconhecimento e fortalecimento individual.

Esse documentário, então, conta com diferentes posições de sujeito para Demi Lovato, como vítima, como agressora de si mesma, como fragilizada, como conselheira e modelo de superação. Partindo da articulação frequente entre autenticidade, intimidade e identificação na relação entre celebridades e fãs no contexto contemporânea, o documentário procura ao expor detalhes da vida de Demi Lovato ressaltar os conselhos de mudança pessoal no modo como acontecimentos são narrados. Assim, a relação entre vida e obra conquista valor de autenticidade menos pela expressão de si mesma nas produções realizadas do que na mudança da própria vida em inspiração e motivação da transformação interior dos outros, particularmente fãs. No documentário, Demi Lovato investe menos na imagem de sofredora do que na de uma proto-especialista em superar sofrimentos porque ela mesma sofreu e agora consegue se manter forte.

Referências

- ARFUCH, L. 2010. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro, Ed. Uerj, 370 p.
- BAUMAN, Z. 1998. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 276 p.
- BOURDIEU, P. 1996. A ilusão biográfica. In: M.M. FERREIRA; J. AMADO (orgs.), *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p. 183-191.
- FOUCAULT, M. 1986. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 258 p.
- FUREDI, F. 2003. *Therapy culture: Cultivating vulnerability in an uncertain age*. Londres, Routledge, 256 p.
- HALL, S. 2000. Quem precisa de identidade? In: T.T. SILVA (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, Vozes, p. 103-133.
- HARPER, S. 2006. Madly famous: narratives of mental illness in celebrity culture. In: S. REDMOND; S. HOLMES (orgs.), *Framing celebrity: New directions in celebrity culture*. Londres, Routledge, p. 311-328.
- HONEY, M. 1972. The celebrity magazines. In: R.B. NYE (org.), *New dimensions in popular culture*. Bowling Green, Bowling Green University Popular Press, p. 59-77.
- ILLOUZ, E. 2011. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 184 p.
- ILLOUZ, E. 2003. *Oprah Winfrey and the glamour of misery: An essay on popular culture*. Nova York, Columbia University Press, 300 p.
- KING, B. 2012. Stardom, celebrity and the para-confession. In: S. REDMOND (org.), *The star and celebrity confessional*. Londres, Sage, p. 7-24.
- LASCH, C. 1983. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro, Imago, 320 p.
- LOVATO, D. 2011. Skyscraper. In: D. LOVATO, *Unbroken*. Los Angeles, Hollywood Records, 4:05 min.
- MARSHALL, P.D. 2014. *Celebrity and power: Fame in contemporary culture*. Minneapolis, University of Minnesota Press, 344 p. <https://doi.org/10.5749/minnesota/9780816695621.001.0001>
- MARTIN, E. 2007. *Biopolar expeditions: Depression and mania in American culture*. New Jersey, Princeton University Press, 400 p.
- MTV. 2012. Demi Lovato: Stay Strong - how things got out of control. Disponível em: <http://www.mtv.com/videos/news/746180/demi-lovato-stay-strong-how-things-got-out-of-control.jhtml>. Acesso em: 26/08/2016.
- OLIVEIRA JÚNIOR, J.G. 2016. *Treinadores de sentido: notas etnográficas sobre atividades motivacionais modernas*. São Paulo, SP. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 181 p.
- ROJEK, C. 2001. *Celebrity*. Londres, Reaktion Books, 208 p.
- ROSE, N. 1999. *Governing the soul: The shaping of the private self*. Londres, Free Association Books, 352 p.
- RÜDIGER, F. 1996. *Literatura de auto-ajuda e individualismo*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 295 p.
- SACRAMENTO, I. 2016. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. *Contracampo*, 35(2):157-182. <https://doi.org/10.20505/contracampo.v35i2.940>
- TAYLOR, C. 2011. *A ética da autenticidade*. São Paulo, É Realizações, 128 p.
- VAZ, P. 2010. A vida feliz das vítimas. In: J. FREIRE FILHO (org.), *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro, FGV, p. 135-164.

Submetido: 10/10/2016

Aceito: 08/07/2017